

Acta Est Fabula. Memórias I - Lourenço Marques (1930-1947)

EUGÉNIO LISBOA
Guimarães, Opera Omnia, 2012, 208 p.



Memórias Cruzadas

Para a Antonieta Lisboa

Regresso sempre à Universidade de Aveiro com verdadeiro prazer. A última vez foi para o lançamento do livro de homenagem a Eugénio Lisboa, grande obra colectiva entusiasticamente organizada por Otilia Pires Martins e Onésimo Teotónio de Almeida, belamente editada pela Opera Omnia e oportunamente patrocinada por esta Universidade (Martins e Almeida, 2011).

Concederam-me então o privilégio de integrar o grupo dos 72 autores desse volume e de poder contribuir com um artigo sobre «diplomacia cultural», a propósito da presidência de Eugénio Lisboa na Comissão Nacional da UNESCO. Nesse meu pequeno testemunho, fiz questão de só citar textos do homenageado, para fugir à tentação de falar de mim.

Hoje, porém, tratando-se do primeiro volume das suas próprias memórias – provocantemente intituladas *Acta est Fabula* (Lisboa, 2012) –, seja-me permitido quebrar tal protocolo e cruzar algumas das minhas memórias pessoais com as deste autor. Por uma simples razão: somos amigos há quase quatro décadas e só esse facto explica o convite, tão inesperado quanto honroso, para estar aqui.

Antes de avançar, devo fazer um aviso e uma declaração de interesses. Não sou crítico literário e, como sociólogo da comunicação e da cultura,

desconfio da investigação asséptica. Mais: tenho alguma dificuldade em ser isento e, no caso presente, não pretendo de todo ser isento – porque admiro muito o Eugénio Lisboa. Tanto, que faço minhas as célebres palavras de Romain Rolland, então endereçadas a Henry de Montherlant: «o mundo é mais rico para mim desde que o conheço».

Afinal, que venho eu aqui fazer? Nunca fui a Moçambique e sou (um pouco) mais novo do que o autor destas memórias. Além da amizade, só posso explicar ainda a minha presença, neste lançamento, com o facto de vir dedicando, à sua obra, ao longo dos anos, toda a atenção de que sou capaz. Julgo ter sido d'Annunzio a recordar-nos que a melhor homenagem que podemos prestar a um autor é justamente a atenção.

Armado destas credenciais e sabendo-me numa universidade, venho aqui propor um modelo de análise para a identificação de «chaves de leitura» deste singular livro. Dir-me-ão – e bem – que a escrita de Eugénio Lisboa não carece de «chaves de leitura». Ele sempre praticou a clareza própria dos pensamentos profundos, a limpidez típica de quem pensa bem. Suspeito, porém, que a leitura do presente livro, à luz de uma obra produzida em mais de meio século, pode ser altamente reveladora.

Em que baseio tal suspeita? Possuindo quase todos os seus livros publicados – sempre em generosa oferta e calorosamente dedicados –, consegui agora regressar rapidamente às páginas que mais me impressionaram. E encontrei muita matéria de interesse para ser cruzada com o actual primeiro volume de memórias – enquanto não chegam os próximos...

Não, não estou a propor um modelo de tipo psicanalítico. Estou tão-só a tentar aliciar investigadores para uma revisitação da obra do autor e, a partir de tal retrospectiva, para uma leitura das suas memórias. Como vêem, é bem ambicioso o modelo de análise aqui avançado: dá tese – e de doutoramento! Não será esta a oportunidade para ensaiar o modelo. Aliás, faltar-me-iam o engenho, a arte e o tempo para concretizar tão grandioso objectivo. Por hoje e a título de exemplo, vou cingir-me à enunciação de cinco meras hipóteses de trabalho, eventualmente operativas.

RÉGIO. A primeira hipótese pode ser a de estudar a vasta produção regiana deste autor. Foi por aí que eu próprio comecei, pela leitura deslumbrada de um original sobre José Régio, que andava esquecido na editora Arcádia, até que eu o recuperei e publiquei em 1976. Dez anos depois, a história foi contada no prefácio da segunda edição (Lisboa, 1986) e a dedicatória pessoal acrescentava o seguinte: «Para o Jorge Martins, a quem este livro também pertence, por razões que o prefácio explicitamente dá». Face a tão rara generosidade,

a minha surpresa ditou uma imediata e sensibilizada resposta, que veio a ressurgir, na introdução ao meu *Marketing do Livro* (Martins, 1999).

Curiosamente, nas presentes memórias, Eugénio Lisboa relata o seu «primeiro encontro com José Régio» em Moçambique, aos 16 anos, através da leitura do volume de abertura da saga familiar *A Velha Casa* – um Régio que ele próprio «viria a conhecer, pessoalmente, oito anos mais tarde e a cuja obra consagraria não pouco do [seu] tempo de estudioso da literatura e de escritor» (Lisboa, 2012: 155-158).

MONTHERLANT. A segunda hipótese, para o entendimento do homem e da obra destas memórias, pode ser o conjunto dos textos que, ao longo da vida, Eugénio Lisboa vem dedicando a Henry de Montherlant. Recentemente, afirmou que o escritor francês o fascina desde os 20 anos e que, por isso, a ele regressa constantemente «como quem recarrega baterias» (Lisboa, 2009: 171).

Recordo uma conferência de 1967 intitulada «Henry de Montherlant e a Moral do Artista». Só a li em 1976, quando me remeteu de Paris os dois volumes da primeira edição da *Crónica dos Anos da Peste*, mais tarde reeditada num só tomo pela INCM (Lisboa, 1996) e então saudada, num semanário, como «um dos livros mais desassombrados na história da nossa crítica». Foi nessa conferência que descobri esta bela confissão do nosso autor: «Montherlant, o mais pessoal, o mais independente, o mais descaradamente verdadeiro e directo de todos os escritores franceses do século XX [...], era bem o exemplo que me convinha», como «professor de independência» neste nosso «mundo de escravos e de robots» (*ibid.*: 218). E quanto às virtudes recomendadas por Montherlant na *Carta de um Pai a seu Filho*, realçava estas: «coragem, civismo, altivez, rectidão, desprezo, desinteresse, cortesia, gratidão e ‘de uma maneira geral, tudo o que se entende pela palavra generosidade’» (*ibid.*: 220).

É ainda nessa conferência que Eugénio Lisboa resume, no binómio honestidade-coragem, a moralidade do escritor em Montherlant. E explica: «A honestidade é essencial para se não embulhar os resultados da lucidez. Mas a honestidade pode calar-se. Para que se exprima é necessária a coragem» (*ibid.*: 240). Todos nós, que ouvimos e lemos o nosso autor há muitos anos, percebemos assim os motivos por que ele não se cala, mesmo quando se trata de um prémio Nobel ou de um primeiro-ministro...

A moral do artista está primeiro. Montherlant recordou-lhe que a «lealdade consigo próprio é a maior marca de respeito que um escritor pode dar ao público» (*ibid.*: 241). Também por isso, nas presentes memórias, afirma-se que foi tomado o partido de se dizer «só a verdade, embora não toda a verdade»,

até para garantir que elas valham, como «testemunho de uma época e de um lugar» (Lisboa, 2012: 71-72, 87, 135-136). Eu diria que essa é exactamente uma das razões que fazem deste volume muito mais do que simples «testemunho» de época e de lugar.

MUNDIVIDÊNCIA. A terceira hipótese, para cruzar esta recente retrospectiva memorialística com as linhas estruturais do homem e da obra, pode receber aqui o nome de mundividência. Há quatro anos, no dia do aniversário do Eugénio Lisboa, a minha mulher e eu oferecemos-lhe um grande livro, cheio de impressionantes fotos aéreas do planeta Terra. Quisemos assim dizer-lhe que tínhamos aprendido, com ele, a ver o mundo... de avião.

De facto, a partir de meados dos anos 70, para nós, acabados de sair do orgulhoso e provinciano isolamento português, ele passou a representar alguém que trazia notícias... lá de cima. Vinha dos fundos do hemisfério Sul (Moçambique), a caminho dos cumes do hemisfério Norte (Suécia); trazia, na mesma bagagem, a engenharia e a literatura, a indústria e a poesia, as ciências e as letras; e foi-se deixando ficar entre Londres e Lisboa.

Não era de palavras cruzadas que vinha falar: era de culturas cruzadas ou, melhor, da necessidade de esvaziar a célebre polémica das «duas culturas», aberta no final dos anos 50 por C. P. Snow. Para ele, sempre foi natural o cruzamento dos dois campos. Tal como Einstein era tão notável na Física como virtuoso no violino, também o jovem Eugénio triunfou tanto nas Ciências como nas Letras. Ele conta aqui, neste primeiro volume de memórias, como a Matemática e a Literatura o encantavam por igual (Lisboa, 2012: 85, 145), o que lhe valeu quadro de honra quase constante (*ibid.*: 168), a média final de 18 valores e várias bolsas de estudo (*ibid.*: 184).

Eu diria que este autor português teve a sorte de nascer e crescer em Moçambique. Porque – reparem nas suas expressões – «dali, via-se a Europa» (*ibid.*: 71), «por cortesia» de escritores como Balzac, Stendhal ou Thomas Mann (*ibid.*: 143-144). Em 17 anos de Lourenço Marques, Martin du Gard mostrou-lhe Paris, Pirandello a Itália, Tolstoi a Rússia, Hemingway a América e, tal como tinha acontecido a Montherlant, o celebrado autor do *Quo Vadis* desvendou-lhe a Roma antiga.

CLÁSSICOS. Ao citar Roma, estamos a avançar para a quarta hipótese, a do fascínio pela cultura clássica. Fascínio bem curioso num engenheiro electrotécnico, mas perfeitamente natural em quem, logo na sua juventude laurentina, já lia Plutarco, Tácito e Platão, Ésquilo e Sófocles, estes dois últimos por indicação do seu amigo Zeca, nada menos que o futuro grande matemático Tiago Oliveira (*ibid.*: 115, 121, 123).

Fascínio também muito natural em quem se confessa seguidor de Montherlant e lhe chama «o último romano» e «o grande romano do nosso tempo». Para ambos os escritores, a história romana, como «microcosmo de toda a História», é verdadeiramente «o corrimão» onde podem agarrar-se, em momentos sombrios (Lisboa, 1996: 108-109). Deste fascínio pela cultura clássica decorrem, naturalmente, o título deste primeiro volume de memórias, os subtítulos de vários capítulos e tantas, tantas passagens da vasta obra de Eugénio Lisboa. E decorre também, certamente, a «sobriedade de estilo» aprendida com a «aticidade dos clássicos» (Lisboa, 2012: 80-81).

LIVROS. À quinta hipótese do meu modelo de análise poderemos chamar a magia dos livros. Teve o Eugénio Lisboa a sorte de lhe calharem grandes professores, por exemplo um que «falava dos livros com uma espécie de volúpia, mesmo de luxúria», sendo «um prazer e uma instrução ouvi-lo e viver com ele a magia dos livros» (*ibid.*: 46,49). Teve a sorte de, na adolescência, lhe ter entrado pelo quarto adentro uma estante com uma centena de bons livros (*ibid.*: 122-123) e, assim, o seu mundo de leituras ter-se alargado.

Ali, na sua Lourenço Marques, foram «horas inesquecíveis de descoberta», a ler «vorazmente – mas, sempre, devagar – e com intensidade» os livros em que se revia (*ibid.*: 191). Lendo-os, ele diz que, «estranha e poderosamente», sentia estar a acrescentar-se a si próprio (*ibid.*: 172), a ponto de se apaixonar perdidamente pela Senhora de Rênal (*ibid.*: 124). Aliás, o princípio do primeiro capítulo destas memórias é uma clara homenagem às primeiras linhas do *Le Rouge et le Noir* de Stendhal. Tal como, ao longo do presente volume, são constantes as evocações literárias dos seus grandes autores preferidos.

Foi por causa dos livros que nos tornámos amigos, o Eugénio Lisboa e eu, há quase quatro décadas, amizade que se alargou logo às nossas famílias e que perdura, com outras fiéis presenças, numa saudável e sempre divertida tertúlia prandial. Uma vez, perante uma banca de venda de livros, atravancada de lixo com capas estridentes, desabafava ele: «Até parece que os editores, depois de separarem o trigo do joio, só publicam o joio».

Mais tarde, partiu o pão em pequeninos (como gosta de dizer) e explicou-se numa entrevista: «O que se passa é quase obscuro. E mete medo. Entrar em quase 90% das livrarias causa náuseas: é o reino do mono-estilo, com a promoção sistemática e despudorada do que há de pior: o pimba, o piroso, o sensacionalão, o grande *best-seller* de lá de fora e de cá de dentro. O chover no molhado: promover, a grandes custos, o que por natureza da sua própria mediocridade já está promovido» (*apud* Martins e Almeida, 2011: 413-420). E acrescentava Eugénio Lisboa, com o seu proverbial desassombro:

«Os grandes heróis dos editores e dos livreiros são os senhores-da-televisão-que-também-escrevem-livros e que despertam a concupiscência dos jovens e não tão jovens que sofrem de iliteracia aguda e por isso gostam de comprar os livros daqueles senhores e senhoras que aparecem muito no *petit écran*» (*apud ibid.*). Noutro local, anotava ainda o crítico: «O talento umas vezes não dá dinheiro, outras dá até bastante. [...] A falta de talento não é impeditiva de se ganhar pequenas fortunas: os escritores televisivos que o digam» (Lisboa, 2012b).

Felizmente, ainda se registam excepções promissoras, no campo livreiro. Uma delas, a favor do próprio autor desta catilinária, será a Opera Omnia, chancela de Guimarães que lançou o volume de homenagem a Eugénio Lisboa (Martins e Almeida, 2011) e acaba de lhe editar as memórias (Lisboa, 2012). De assinalável qualidade, este objecto editorial de 208 páginas pode ser assim descrito: capa, contracapa, impressão e acabamento eficazes; caderno de extratextos correcto; ergonomia gráfica coerente (papel, formato, grelha, corpo e tipo de letra, entrelinhamento, brancos, hierarquia de títulos); cabeças de página à inglesa (coisa hoje rara, pois até a INCM se esquece delas, como pode verificar-se nos títulos que editou de Eugénio Lisboa...). Só é pena não apresentar um índice remissivo de nomes e lugares, que faz muita falta.

Em resumo, no presente livro, a forma ou «encenação da escrita», como alguém lhe chamou, está bem ao serviço do estatuto deste autor. Mas tal qualidade técnica – para a qual contribuem, em rede social interactiva, diferentes profissões do livro (cf. Martins, 2005) – nem sempre é percebida por todos os sucessivos e diferentes clientes. Sabemos que a sociologia considera o livro como «objecto de dupla face, económica e simbólica, mercadoria e significação» e cada mediador como «personagem igualmente dupla, condenada a conciliar a arte e o dinheiro, o amor da literatura e a procura do lucro, através de estratégias que se situam algures entre dois extremos: submissão cínica às considerações comerciais e indiferença heróica ou insensata às necessidades da economia» (Bourdieu, 1999).

Eugénio Lisboa, com a sua experiência de gestor cultural, também sabe. Ele próprio afirmou, aqui, na Universidade de Aveiro: «Pessoalmente, sinto sempre uma afita gratidão por todos aqueles que quiseram correr, com as minhas congeminações, riscos que não estou certo de merecer. Por isso digo, e com sinceridade o digo: não matem o editor, ele está a fazer o melhor que sabe» (Lisboa, 2007). Já o dissera antes, no atrás citado prefácio à reedição do seu Régio: «Apesar dos exemplos de gente que nos maltrata a alma e os textos, tenho sido absurdamente feliz. O meu editor mais frequente – o Estado – tem actuado de modo praticamente impecável» (Lisboa, 1986).

Algumas outras hipóteses poderiam ser trabalhadas, no modelo de análise aqui brevemente ensaiado para este livro de memórias. Por exemplo: a da muita curiosidade que, logo em pequeno, o fazia «beber as conversas com sofreguidão» (Lisboa, 2012: 22); a da dureza da vida, temperada pelo gosto do que «faz viver» (*ibid.*: 62-63); a da ironia, do humor e da sátira, por certo afinadas mais tarde com o seu mestre Montherlant; a do fascínio pelo cinema que «perdurou até hoje» (*ibid.*: 26); a da fragilidade da vida *versus* o prazer da escrita (*ibid.*: 22, 35, 69, 80-81); e até a antiquíssima dimensão poética. Desta última eu não saberia falar, pois reconheço que tenho pouco ouvido para a poesia.

Mas aproveito a deixa da poesia para terminar com uma história autêntica, passada no solar de Teixeira de Pascoaes (perto de Amarante) e transmitida por Maria José Teixeira de Vasconcelos, sobrinha do escritor. Um dia, apareceu lá um grupo de miúdos para uma visita à casa. Entraram no terreiro e um deles, mais afoito, galgou logo as escadas, espreitou pela porta entreaberta e gritou para baixo: «Eh, malta, o gajo era rico». Nesse preciso momento, a Senhora Dona Maria José surgiu à porta e observou: «Então o menino trata o poeta por gajo?». Meio atordoado, o miúdo ainda fez este comentário: «Ah, o gajo também era poeta?».

Jorge Manuel Martins

Texto de apresentação da obra, na Universidade de Aveiro,
a 17 de Dezembro de 2012

Bibliografia

- BORDIEU, Pierre (1999), «Une Révolution Conservatrice dans l'Édition», *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Março, Paris, Seuil.
- LISBOA, Eugénio (1986 [1976]), *José Régio, a Obra e o Homem*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- (1996 [1973, 1975]), *Crónica dos Anos da Peste*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- (2007), «Não Matem o Editor: Ele Está a Fazer o Melhor que Sabe», *Ofícios do Livro*, Universidade de Aveiro.
- (2009), *Indícios de Ouro II*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- (2012), *Acta est Fabula. Memórias I – Lourenço Marques (1930-1947)*, Guimarães, Opera Omnia.
- (2012b), «Os Juros do Talento», *JL Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 21 de Março.

- MARTINS, Jorge Manuel (1999), *Marketing do Livro. Materiais para uma Sociologia do Editor Português*, Oeiras, Celta.
- (2005), *Profissões do Livro. Editores e Gráficos, Críticos e Livreiros*, Lisboa, Verbo.
- MARTINS, Otilia Pires / ALMEIDA, Onésimo Teotónio de (org.) (2011), *Eugénio Lisboa: Vário, Intrépido e Fecundo: Uma Homenagem*, Guimarães, Opera Omnia.